

José Rivair Macedo
**Os estudos medievais no Brasil:
tentativa de síntese**

Estratto da Reti Medievali Rivista, VII - 2006/1 (gennaio-giugno)

<http://www.dssg.unifi.it/_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm>



Firenze University Press



Os estudos medievais no Brasil: tentativa de síntese

di José Rivair Macedo

1. A história medieval sempre despertou a atenção dos brasileiros, mas só muito recentemente se pode falar de um efetivo interesse pelos estudos medievais em nosso país. É certo que, de modo geral, o fascínio do grande público diz respeito mais a uma Idade Média «sonhada»¹ do que ao período histórico de formação da Europa cristã ocidental. Embora carente de uma série de recursos técnicos de formação acadêmica especializada, e nem sempre com acesso aos métodos desenvolvidos nos principais centros de pesquisa dedicados ao medievo, ainda assim se pode falar da existência de um grupo crescente de professores ou pesquisadores envolvidos diretamente com a discussão de temas, problemas e objetos de estudo relativos ao período histórico da Idade Média – o que nos leva a indagar sobre as reais possibilidades de desenvolvimento deste campo de pesquisa no Brasil.

O despertar do interesse pelos estudos medievais no Brasil está associado à formação dos quadros intelectuais da Universidade de São Paulo, e da equipe de professores estrangeiros (sobretudo franceses, mas também italianos, alemães e portugueses) que passaram pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), entre os quais estiveram Fernand Braudel, Émile Coornaert e Émile G. Leonard. Foi justamente Eurípedes Simões de Paula, um dos alunos de Braudel, quem, salvo engano, produziu a primeira tese de doutoramento defendida no Brasil tendo por tema a Idade Média². Foi também Simões de Paula que, com Pedro Moacyr Campos, motivou o interesse pela Antiguidade e pela Idade Média, vindo a formar os docentes que atuaram na Faculdade de Filosofia nos anos 1960-1980.

Até a década de 1980, apenas a FFLCH-USP contou com professores capacitados a lecionar com seriedade a disciplina de História Medieval. Embora os mesmos não tenham constituído um grupo de pesquisa, e nem todos se dedicassem à pesquisa, foram os primeiros a orientar teses de doutorado e dissertações de mestrado. Entre tais docentes, merecem destaque Victor Deodato

da Silva, Nachman Falbel, José Roberto de Almeida Mello, Jônatas Batista Neto, Carlos Roberto Figueiredo Nogueira e Tereza Aline Pereira de Queiroz. Junto com Hilário Franco Júnior, que ingressou na USP no fim dos anos 1980, foram eles os responsáveis pela formação dos profissionais que atuaram no ensino e na pesquisa durante os anos 1990 – quando se pode falar da efetiva emergência dos estudos medievais no Brasil. Algo semelhante ocorreu também com os estudos relativos à língua e literatura medievais. Neste caso, coube nos anos 1960 e 1970 aos professores Massaud Moisés e Segismundo Spina a formação dos profissionais que a partir dos anos 1980 ocupam cargos de docência e pesquisa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP, como Lênia Márcia Mongelli e Heitor Megale, os quais vieram a orientar os profissionais que nos últimos anos têm pesquisado a respeito da literatura medieval, lingüística românica e edição de textos.

Não obstante, entre os anos 1950 e 1970 a Idade Média comparecia entre os temas de reflexão da intelectualidade brasileira numa posição não muito favorável. Nas obras de importantes teóricos de esquerda, sobretudo daqueles vinculados ao Partido Comunista, discutiu-se durante algum tempo o caráter “feudal” das estruturas sociais vigentes no Brasil e o significado nefasto das “persistências medievais” ao desenvolvimento do país – consubstanciadas na força das relações de dependência pessoal no Nordeste do país, na capacidade de resistência do poder privado aos ditames do Estado. Entre autores como Nelson Werneck Sodré e Alberto Passos Guimarães, não faltaram associações das instituições administrativas implantadas por Portugal no período colonial com o feudalismo europeu, e as “sobrevivências feudais” continuariam ainda no século XX a representar uma pesada herança dos séculos precedentes³. Vinculada a certos estereótipos, ou a certos conceitos oriundos de análises estruturalistas, monocausais e mecanicistas da dinâmica social, a Idade Média presente na imaginação de nossos intelectuais era um “fantasma” que teimava em nos atormentar. Quanto aos profissionais que se dedicavam ao ensino de Idade Média nas universidades, por vezes pesou sobre eles a suspeita de que tivessem colaborado com o regime ditatorial implantado pelos militares em 1964⁴.

Todavia, entre os anos 1960 a 1980 ganhavam forma na FFLCH-USP as primeiras teses acadêmicas tendo por objeto aspectos da história medieval. Dentre elas, deve-se mencionar a de Nachman Falbel, defendida em 1969, dedicada ao exame das implicações político-religiosas do movimento dos espirituais franciscanos no século XIII, tema ao qual este pesquisador dedicou atenção até muito recentemente⁵, quando orientou tese de doutorado concernente ao *Liber vitae crucifixae Iesu* de Ubertino de Casale⁶. Convém também mencionar a tese de Victor Deodato da Silva sobre as repercussões das epidemias de meados do século XIV na legislação da França, Inglaterra, Castela e Aragão⁷, bem como a obra do mesmo autor sobre as vicissitudes da nobreza e da instituição da cavalaria nos séculos finais da Idade Média⁸. Do mesmo modo, é preciso lembrar da tese de Jônatas Batista Neto sobre as relações de Chaucer com Florença⁹, e das teses de José Roberto de Almeida

Mello sobre a emergência do sentimento nacional inglês durante a Guerra dos Cem Anos através das *Political songs of England* (Camden Society)¹⁰ e sobre a propaganda política inglesa e o ideário monárquico durante o reinado de Ricardo II¹¹. Por fim, ao final dos anos 1980 era defendida a tese de Hilário Franco Júnior sobre o papel da religiosidade na caracterização das formas de poder em Castela nos séculos XI-XII¹².

Não parece aleatório o fato de que os estudos medievais tenham recebido maior atenção a partir da década de 1990. Na realidade, tal fenômeno não deve ser dissociado do incremento mais geral da pesquisa em história em decorrência da afirmação dos programas de pós-graduação, algo bem demonstrado por Carlos Fico e Ronald Polito¹³. Embora o interesse pela formação pós-graduada em História Medieval tenha estado em segundo plano em comparação com áreas de maior incentivo inclusive institucional, parece que daquela década para cá houve não apenas um gradativo aumento de mestres e doutores com pesquisas sobre a Idade Média, mas houve também uma difusão dos centros de formação qualificada. Desde pelo menos meados de 1990 a Universidade Federal Fluminense e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialmente com o trabalho de Vânia Leite Fróes e Maria Sonsoles Guerras, passaram a formar pesquisadores em Idade Média, e a partir do ano 2000 tais orientações foram ampliadas para universidades de outros estados brasileiros: a Universidade Estadual Paulista, as universidades federais de Goiás, Paraná e Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais; e a Universidade Federal do Espírito Santo – local em que o pesquisador Ricardo da Costa tem realizado louvável trabalho de tradução e disponibilização de fontes primárias¹⁴, inclusive on-line¹⁵.

Uma indicação de que a pesquisa sobre Idade Média começa a ganhar força nos Programas de Pós-Graduação é o aparecimento recente de números temáticos de revistas periódicas dedicadas ao medievo. É o que se pode ver no volume coordenado por Néri de Barros Almeida, a respeito da questão do indivíduo¹⁶; nos volumes coordenados por Fátima Regina Fernandes¹⁷ e por José Rivair Macedo¹⁸, sobre grupos sociais e instituições políticas na Península Ibérica medieval; e no volume coordenado por Maria Eurydice de Barros Ribeiro sobre as formas de transmissão do saber no Ocidente Cristão¹⁹.

Além do mais, cabe ressaltar os resultados concretos na formação de graduandos e pós-graduandos obtidos por grupos de debate e pesquisa institucionais, como o *Programa de Estudos Medievais* (PEM) da Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás, existente desde 1994, coordenado por Maria Eurydice de Barros Ribeiro²⁰; o *Scriptorium*, Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos da Universidade Federal Fluminense, coordenado por Vânia Leite Fróes; e o Programa de estudos Medievais (PEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro²¹, coordenado por Andréia Cristina Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva, em torno do qual são promovidos eventos e publicações²². Também devem ser mencionadas os grupos de trabalho sobre Idade Média que se formaram dentro da Associação Nacional de História, cuja coordenação nacional é realizada por Vânia Leite Fróes, entre

os quais está o Grupo de Trabalho de Estudos Medievais do Rio Grande do Sul, que se reúne mensalmente para discutir projetos de pesquisa, temas de investigação ou realiza periodicamente eventos acadêmicos²³.

Some-se a isto outra tendência que nos parece digna de nota: a formação de medievalistas brasileiros em universidades ou centros de pesquisa europeus, algo que muito tem contribuído para o incremento de métodos e técnicas de trabalho. Atualmente, há jovens pesquisadores brasileiros preparando teses de doutorado em Portugal, Espanha, Itália, França e Alemanha. A trajetória de Marcelo Candido da Silva, jovem professor da USP, ilustra bem esta tendência. Tendo preparado dissertação de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais sob a orientação de Daniel Valle Ribeiro, a respeito da idéia de Estado entre os merovíngios²⁴, aprofundou seus estudos e defendeu tese de doutoramento na Université de Lyon II, sob a orientação de Jacques Chiffolleau²⁵.

O recente interesse pela pesquisa medieval relaciona-se também com a ampliação do número de livros sobre a Idade Média no mercado editorial brasileiro²⁶ e com a divulgação entre nós das obras de importantes medievalistas franceses da segunda metade do século, sobretudo Jacques Le Goff e Georges Duby²⁷. É bem nítida a influência da obra destes autores e dos temas, problemas e perspectivas de pesquisa da Escola dos Annales sobre nossos pesquisadores. Talvez por isto o estilo francês de fazer história continue a nos servir de modelo, embora a escolha de temas e a definição dos objetos de estudo estejam condicionados à documentação disponível em nosso país – aspecto sobre o qual voltaremos adiante.

Entre as obras publicadas por pesquisadores brasileiros, convém assinalar as publicações de Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, professor da USP que se dedica a estudar os fenômenos da bruxaria e demonologia nos séculos finais da Idade Média²⁸. No Rio Grande do Sul, Luís Alberto de Boni, da Pontifícia Universidade Católica, mostra-se incansável editor de traduções de autores medievais e promotor de eventos científicos nacionais e internacionais em que se discutem as especificidades do pensamento medieval, suas formas de recepção, criação e difusão²⁹. No âmbito da literatura medieval, convém lembrar os trabalhos publicados por Lênia Márcia Mongelli, sobretudo a obra coletiva que organizou a respeito dos mais importantes textos de formação política, moral e religiosa de Portugal em fins da Idade Média, na qual, junto com seis de seus alunos de pós-graduação, realizou minucioso estudo das particularidades dos textos edificantes escritos ou consultados pelos príncipes da dinastia de Avis, avaliando suas potencialidades como material formativo e doutrinal³⁰.

Menção especial deve ser feita às obras de Hilário Franco Jr, que há mais de vinte anos vem realizando uma investigação de grande fôlego, no Brasil e no exterior, a respeito das representações do Paraíso na Idade Média. Em torno deste amplo eixo de trabalho, verificou os traços de representações edênicas no ideário da Idade Média central (especialmente nos séculos XI-XII), desenvolvendo em suas obras a aplicação do conceito de utopia ao medievo³¹,

o uso do conceito de “cultura intermediária” para manifestações de diversa procedência sócio-cultural anteriores ao século XII, e discutindo questões de natureza metodológica, como o uso de textos literários e de imagens, a aplicação das noções de mentalidade e imaginário para o medievo³². Nos últimos anos, reuniu as principais fontes primárias alusivas ao País da Cocanha³³, efetuando em seguida aprofundado exame das condições materiais e mentais que condicionaram o desenvolvimento da idéia de uma terra da abundância na Idade Média, verificando inclusive as repercussões de representações similares no Novo Mundo³⁴.

Não há dúvida que a afirmação do interesse pela Idade Média deve muito à criação em 1996 da Associação Brasileira de Estudos Medievais³⁵, que conta com aproximadamente 400 associados, em sua maior parte estudantes de graduação e de pós-graduação, mas também professores universitários com efetiva atuação na pesquisa em história, literatura e filosofia medievais. A ABREM mantém contato acadêmico com instituições de pesquisa na Europa e nos Estados Unidos; realiza periodicamente congressos internacionais com a participação de estudiosos de história, filosofia, língua e literatura medievais; esforça-se por sistematizar as informações e materiais disponíveis para os estudos medievais no Brasil³⁶; e, sobretudo, publica com regularidade a revista *Signum*, periódico especializado dedicado aos domínios da medievalística³⁷.

2. Em 2003, com a ajuda de professores de todo o Brasil, coordenamos um levantamento nacional das dissertações de mestrado e teses de doutoramento defendidas entre os anos 1990 e 2002³⁸. Ao serem consultados os catálogos das mais importantes bibliotecas universitárias e os bancos de dados de órgãos públicos de fomento à pesquisa (Banco de teses da CAPES / *Teses Brasileiras* do IBICT), constatou-se a existência de 333 trabalhos acadêmicos, que podem assim ser divididos quanto à titulação acadêmica pretendida pelos autores: 257 Dissertações de Mestrado e 76 Teses de Doutorado. Número pouco expressivo talvez, mas que indica um crescente interesse pelo medievo e a constituição de um efetivo campo de estudos.

A coleta permitiu também traçar um perfil definido dos principais centros de formação de pesquisadores. Convém ressaltar a expressiva desproporção numérica entre trabalhos elaborados em universidades públicas (277) e universidades particulares (56), estas últimas representadas quase que exclusivamente pelas universidades católicas. Excluindo a Pontifícia Universidade Católica, sobram apenas 3 dissertações produzidas em universidades particulares do Estado de São Paulo (2 na Universidade Presbiteriana Mackenzie e 1 na Universidade Metodista de São Paulo).

Sobre a localização das universidades formadoras de mestres e doutores, contam-se 134 trabalhos realizados em São Paulo (sendo 85 da Universidade de São Paulo), 106 no Rio de Janeiro (64 da Universidade Federal Rio de Janeiro e 32 da Universidade Federal Fluminense, entre outros), e 25 em Minas Gerais. Observam-se ainda alguns locais de formação mais direcio-

nados, como a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul para Filosofia Medieval (17 dissertações/teses); a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e a Universidade Federal da Bahia para Língua e Literatura (respectivamente, 16 e 20 trabalhos).

Com respeito às áreas de conhecimento abrangidas, os dados nos permitem ver com alguma clareza os interesses ou as áreas de atuação de nossos medievalistas. Observa-se relativo equilíbrio numérico entre trabalhos que dizem respeito à Língua e Literatura (147 dissertações/teses) e aqueles que dizem respeito à História (121 dissertações/teses). Comparativamente, é bem menor o número de trabalhos consagrados à Filosofia (60 dissertações/teses). Apenas uma dissertação aborda aspectos técnicos de Música e duas outras tratam de aspectos específicos relativos ao direito medieval.

Quanto aos rumos, limites e possibilidades de pesquisa, há que se ressaltar alguns pontos que revelam as dificuldades concretas na efetivação de um campo de estudos sobre a Idade Média no Brasil. O primeiro deles diz respeito aos problemas enfrentados para o acesso e/ou obtenção das fontes primárias de arquivo, o que acaba por condicionar a escolha dos temas de pesquisa. Não há dúvida de que a disponibilidade em nossos acervos bibliográficos de fontes primárias editadas, em sua maior parte de cunho literário (poemas, romances, contos) ou tratando de matéria religiosa e filosófica (tratados, sermões, hagiografias) contribuem para o estudo mais recorrente das representações sociais ou das visões de mundo, em detrimento de dados da organização social e da vida cotidiana. Mesmo os trabalhos dedicados ao âmbito político ficam na maior parte dos casos limitados aos dados fornecidos pelas crônicas e anais que se encontram publicados. Falta-nos o contato mais freqüente com os cartulários, chancelarias, inventários, documentos judiciais e tantas outras evidências que nos permitiriam uma aproximação mais direta com as vivências individuais e coletivas.

Com respeito às realidades temporais e espaciais enfocadas, observa-se a predominância de trabalhos relativos à Baixa Idade Média (séculos XIV-XV), em franca desproporção com a Idade Média Central (séculos XI-XIII) e, sobretudo, com a Alta Idade Média (séculos V-X). A escolha dos temas incide preferencialmente nas realidades da Península Ibérica (principalmente Portugal, e, em menor proporção, Espanha – com particular atenção para Castela), havendo alguns estudos sobre a França e a Itália. Há pouquíssimos trabalhos dedicados à Inglaterra e Alemanha, nenhum relativo ao mundo escandinavo e aos povos eslavos, apenas um dedica-se ao mundo bizantino e outro aos reinos latinos do Oriente.

Cabe assinalar ainda a existência de interesse pela posteridade do medievo, quer dizer, por aquilo que se poderia chamar de “persistências”, “heranças” ou “reminiscências” medievais. Não são mais abordagens estruturalistas ou deterministas como as da metade do século XX, mas estudos que procuram avaliar as condições ou circunstâncias pelas quais aspectos dos modos de ser e de pensar típicos da Idade Média, ou como certas instituições sociais originadas no medievo, se fazem presentes na realidade social e em manifestações

culturais brasileiras. Trata-se de verificar as condições em que autores ou artistas representantes da cultura erudita brasileira incorporam em suas obras elementos que se poderiam considerar “medievais”, ou o modo pelo qual a Idade Média se faz presente em manifestações culturais de caráter popular, tanto na tradição oral quanto em festas e rituais ou na iconografia religiosa, por exemplo. Talvez seja esta uma das contribuições mais originais que os estudiosos brasileiros poderão um dia oferecer ao campo dos estudos medievais.

Não tivemos ainda quem pudesse, no Brasil, empreender tarefa de tal amplitude. Por enquanto, a obra de referência sobre as influências medievais na formação brasileira continua a ser a do mexicano Luis Weckmann³⁹. Mas não podemos deixar de assinalar a contribuição de algumas pesquisas acadêmicas produzidas nas últimas décadas. A primeira, da pesquisadora em literatura do Rio de Janeiro, Ligia Vassalo, examina detalhadamente a maneira pela qual certos elementos tipicamente medievais foram apropriados na obra do conhecido dramaturgo brasileiro, Ariano Suassuna, autor, entre outras, da consagrada comédia popular denominada *Auto da Compadecida*⁴⁰. A outra, da jovem pesquisadora do Rio Grande do Sul, Márcia Janete Espig, verifica como o tema de Carlos Magno e os Doze Pares de França veio a ser recebido, transmitido e resignificado pelos camponeses do sul do Brasil entre os anos 1912 e 1916, durante a eclosão do movimento religioso de cunho milenarista na região entre Paraná e Santa Catarina, conhecido como Contestado⁴¹.

Eis um breve quadro dos estudos medievais no Brasil, um quadro provisório e precário devido a falta de dados objetivos que nos permitam ver melhor as tendências que se delineiam em nosso meio acadêmico. Parecem suficientes para mostrar o caráter incipiente e frágil do que se poderia chamar de “medievalística brasileira”. Faltam-nos formação especializada em disciplinas de apoio importantes e articulação institucional mais consistente. Mas há interesse e disposição crescente em aprofundar nossos conhecimentos, obter material de primeira mão, aprimorar conceitos e métodos de trabalho. São indícios de que estamos no caminho certo para a consolidação de um campo de estudos sobre a Idade Média em nosso país.

Note

¹ Valemo-nos aqui da expressão empregada inicialmente por Umberto Eco. «Dez modos de sonhar a Idade Média». In: *Sobre o espelho e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989, pp. 66-82. Sobre os usos da “medievalidade” pela posteridade, ver os estudos de Christian Amalvi. *Le goût du Moyen Âge*. Paris: La Boutique de l’Histoire, 2002; Paul Freedman e G. M. Spiegel. “Medievalisms old and new: the rediscovery of alterity in north american medieval studies”. *American Historical Review* (New York) n.º. 103-3, 1998, pp. 677-704.

² Eurípedes Simões de Paula. *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev* (Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, XXVI). São Paulo: USP, 1942 (devo esta informação ao prof. Carlos Roberto Nogueira, a quem agradeço).

³ Hilário Franco Júnior e Mário Jorge da Motta Bastos. “L’Histoire du Moyen Âge au Brésil”. *Études & Travaux*. Publication du Centre d’Études Médiévales (Auxerre), n.º 7, 2002-2003, pp. 126-127.

⁴ Ivone Marques Dias. “Perspectivas da pesquisa de História Medieval no Brasil”. In: Maria Eurydice de Barros Ribeiro (org). *Anais da II Semana de Estudos Medievais*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1994, p. 49. Tal suspeita pesou especialmente sobre Eremildo Viana, catedrático da Universidade Federal do Rio de Janeiro e responsável pela disciplina de História Antiga e Medieval nos anos 1960 e 1970. Ver José Luiz Werneck da Silva. *A deformação da história ou para não esquecer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

⁵ Nachman Falbel. *A luta dos espirituais franciscanos e sua contribuição para a reformulação da teoria acerca do poder papal*. Tese de doutoramento em História social. São Paulo: FFLCH-USP, 1976. O tema da tese veio a ser publicado no livro do mesmo autor intitulado *Os espirituais franciscanos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

⁶ Trata-se da tese de Ana Paula Tavares Magalhães. *Contribuição à questão da pobreza na Arbor Vitae Crucifixae Jesu de Ubertino de Casale*. Tese de doutoramento em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 2003.

⁷ Victor Deodato da Silva. *A legislação econômica e social consecutiva à Peste Negra de 1348 e sua significação do contexto da depressão do fim da Idade Média*. Tese de doutoramento em História social. São Paulo: FFLCH-USP, 1970.

⁸ Victor Deodato da Silva. *Cavalaria e Nobreza no fim da Idade Média: a crise do combatente montado*. Belo Horizonte, MG: Editora Itatiaia, 1990.

⁹ Jônatas Batista Neto. *As viagens de Chaucer à Itália*. Tese de Doutoramento em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 1977.

¹⁰ José Roberto de Almeida Mello. *A insularização da monarquia angevina e a formação da nação inglesa, séculos XIII-XV. Vistas através de canções e poemas políticos*. Tese de doutorado em História social. São Paulo: FFLCH-USP, 1978.

¹¹ José Roberto de Almeida Mello. *As duas faces de um soberano: Ricardo II na literatura de seu tempo*. Tese de livre-docência. São Paulo: FFLCH-USP, 1982.

¹² Hilário Franco Júnior. *Peregrinos, monges e guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela Medieval*. Tese de doutoramento em História social. São Paulo: FFLCH-USP, 1988 (Publicada pela Editora Hucitec, São Paulo, 1990).

¹³ Carlos Fico & Ronald Polito. *A História no Brasil: elementos para uma avaliação historiográfica (1980-1989)*. Ouro Preto, MG: Universidade Federal de Ouro Preto, 1992-1994, 2 vols.

¹⁴ Entre outras, ver Ramon Lull. *O livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000; *O livro dos anjos*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2002; *Testemunhos da História: documentos de História Antiga e Medieval*. Vitória, ES: EDUFES, 2002.

¹⁵ Endereço eletrônico: <www.ricardocosta.com>.

¹⁶ *Estudos de História* (UNESP, Franca), volume 8, n.º 2, 2002.

¹⁷ *Instituições e poder no medievo*. Revista *História: Questões e Debates* (UFPR, Curitiba), n.º 37, 2002.

¹⁸ *Estudos sobre a Idade Média Peninsular*. Anos 90: Revista do PPG em História da UFRGS (Porto Alegre), vol. 16, 2002.

¹⁹ *O saber na Idade Média. Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UNB*, vol. 9 n.º ½, 2001.

²⁰ As principais publicações do grupo são: Maria Eurydice de Barros Ribeiro (org). *Anais da II Semana de Estudos Medievais*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994; *A vida na Idade Média*. Brasília: Editora da UNB, 1997.

- ²¹ Endereço eletrônico: <www.ifcs.ufrj/~pem>.
- ²² Entre suas publicações estão: *Atas da IV Semana de Estudos Medievais da UFRJ*. Rio de Janeiro: PEM/UFRJ, 2001; *Atas do ciclo A tradição monástica e o franciscanismo*. Rio de Janeiro: PEM/Ed. Vozes, 2003.
- ²³ Endereço eletrônico: <www.grupodeestudosmedievais.cjb.net>.
- ²⁴ Marcelo Cândido da Silva. *A idéia de Estado na Alta Idade Média Ocidental: o Regnum Francorum entre os séculos V e VIII*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.
- ²⁵ Marcelo Cândido da Silva. *Reges pro publicis utilitatibus. Le problème de la légitimité royale de Clovis à Clotaire II (fin Ve - début VIIe siècle)*. Thèse de doctorat. Lyon: Université de Lyon, 2002.
- ²⁶ José Roberto de Almeida Mello. "O pesquisador em história medieval e o público brasileiro". In: Maria Eurydice de Barros Ribeiro (org). *Anais da II Semana de Estudos Medievais*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1994, p. 45.
- ²⁷ Hilário Franco Júnior e Mário Jorge da Motta Bastos. "L'Histoire du Moyen Âge au Brésil", p. 129.
- ²⁸ Entre suas obras, estão: *O diabo no imaginário cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2000; *Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- ²⁹ Entre as obras que organizou, convém mencionar: *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995; *Idade Média - Ética e Política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996; *A recepção do pensamento greco-romano, árabe e judaico pelo Ocidente Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ³⁰ Lênia Márcia Mongelli (org). *A literatura doutrinária na Corte de Avis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ³¹ Hilário Franco Júnior. *As utopias medievais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- ³² Hilário Franco Júnior. *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996. Prefácio de Jean-Claude Schmitt.
- ³³ Hilário Franco Júnior. *Cocanha: as várias faces de uma utopia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- ³⁴ Hilário Franco Júnior. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Prefácio de Jacques Le Goff. Tradução italiana: *Nel paesi di Cuccagna. La società medievale tra il sogno e la vita quotidiana*. Roma: Città Nuova, 2001.
- ³⁵ Endereço eletrônico: <www.abrem.org.br>.
- ³⁶ Daí resultou a publicação de um catálogo das fontes primárias editadas relativas ao medievo, localizadas nos acervos das principais bibliotecas brasileiras. Lênia Márcia Mongelli (org). *Fontes primárias da Idade Média: séculos V-XV*. São Paulo: ABREM; Cotia, SP: Ed. IBIS, 1999. 2 vols.
- ³⁷ Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais (São Paulo). Vol. 1, 1999; vol. 2, 2000; vol. 3, 2001; vol. 4, 2002; vol. 5, 2003; vol. 6, 2004, vol. 7, 2005.
- ³⁸ José Rivair Macedo. *Os estudos medievais no Brasil: catálogo de dissertações e teses - filosofia, história, letras (1990-2002)*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. Tal publicação encontra-se disponibilizada no seguinte endereço eletrônico: <www.abrem.org.br/publicacoes.htm>.
- ³⁹ Luís Weckmann. *La herencia medieval del Brasil*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ⁴⁰ Lígia Vassalo. *O sertão medieval: origens européias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1993.
- ⁴¹ Márcia Janete Espig. *A presença da gesta carolíngia no movimento do contestado*. Canoas, RS: Ed. da Ulbra, 2003.